

Redacção e Administração:

Rua D. Diogo Pinheiro, 25
Telefone 82431 BARCELOS

Fundado em 1911 por Rogério Calás de Carvalho

SEMANÁRIO REGIONALISTA
POR PORTUGAL — POR BARCELOS

ASSINATURAS:
Ano, 35\$00; Semestre, 20\$00; Trimestre, 10\$00—Metrópole
Ano, 60\$00 e 175\$00 por avião — Estrangeiro excepto Brasil
Ano, 45\$00 e 110\$00 — Ultramar e Ilhas
Ano, 50\$00 e 160\$00 — Brasil

Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%.

Director e Editor interino: Rogério Domingos da Costa Carvalho
Propriedade de Herdeiros de Rogério Calás de CarvalhoComposição e Impressão: Companhia Editora do
Minho — Rua D. António Barroso — BARCELOS

SÁBADO, 11 DE DEZEMBRO DE 1965

VISADO PELA CENSURA

Aziúmes dum homem de mau humor

Por FALCÃO MACHADO

A magistratura portuguesa, na isenção do seu cargo, merece o maior respeito.

Porque faz justiça, e procura fazê-la, procura evitar a injustiça e a iniquidade.

A injustiça não honra ninguém: nem pessoas, nem povos. E tem as piores consequências: um interno ressentimento que pode explodir em actos de ódio, de vingança, que, geralmente, se excedem e vão, por vezes, além do que é moral — até ao crime.

Uma injustiça que não venha a ser sanada é o que há de pior para destruir o comedimento — e torna-se uma ameaça para as restantes pessoas.

Somos, por via de regra, um pouco egoístas e indiferentes às injustiças que afectam os outros: é um mal.

Uma injustiça feita a um é uma ameaça para todos — principalmente para os que não reagiram por solidariedade e que, por não terem reagido se declaram, tácitamente, submetidos ou submetíveis à acção da injustiça.

Então, quando nos cai a injustiça em casa, é que é bramar! Porque, nunca se aprecia melhor uma injustiça, uma falta de equidade, senão quando nos afecta directa e pessoalmente.

Vem todo este arrazoado a propósito de duas decisões judiciais recentes.

Segundo o *Jornal de Notícias*, de 4 do corrente, foi absolvido um ven-

D. Maria Teresa Pereira da Quinta

É com muito gosto que cumprimentamos e felicitamos a Senhora Dona Maria Teresa de Sousa Ribeiro Pereira da Quinta, dedicada Esposa do Comandante Manuel Pereira da Quinta, nosso bom Amigo, pela passagem, no próximo dia 17 sexta-feira, do seu 52.º Aniversário Natalício, data de si tão significativa que servirá, mais uma vez, para uma autêntica festa familiar.

A ilustre aniversariante «O Barcelense» envia votos de muitas prosperidades para esse dia como para quantos se lhe seguirão, que estimamos sejam inumeráveis.

Do Tejo ao Cávado

— A propósito da minha vinda a Barcelos, em Agosto p. p.

De novo, em tua ponte, debruçado,
Como em tempos d'outrora acontecia,
Quando aqui vinha ver morrer o dia,
Das tuas águas sempre enamorado!

Oh, Meu Cávado amigo e camarada
Que da minha infância foste e mocidade,
Escuta a que de mim, voz da saudade,
Se desprende p'ra ti, alvorçada.

Trago-te o pranto d'uma ausência imposta.
E, longa como foi, vulto d'encosta,
Vislumbrar nela podes meu mourejo.

E co'a certeza fiques que viver
De ti ausente, é vida sem prazer,
Por que te q'ria a ti, que não ao Tejo

Lx. Nov.º 1965

A. Marques de Azevedo

Comprou o Convento da Franqueira

A história singular de um cidadão inglês que se muda para Portugal...

«Qualquer coincidência entre a narrativa que vai seguir-se e o trecho de «A Cidade e as Serras», a incomparável novela de Eça, é pura coincidência. De resto, a figura central da história que nos propomos contar — história real exornada de sugestivos acentos românticos — patenteia-nos um carácter menos predisposto (que o do príncipe Jacinto, da novela queirosiana) para o culto de certas «ninharias» opulentas que pululam em todos os recessos de «A Cidade e as Serras».

Oficial reformado da Marinha inglesa, o sr. Brian Desmond Gallie, é a viva antítese de certos «dramas agrícolas» que, nos nossos dias, capricham em tornar, por vezes, difícil a vida de homens que podem, facilmente, comodamente, sem remorsos de espécie alguma, movimentar abundantes somas, dando livre curso à materialização de toda a classe de aspirações. Torna-se, a vida de um homem, difícil, em tais casos, precisamente porque, a par de abundantes recursos materiais, floresce uma

abundante veia imaginosa, como que uma resistência encaixada noutra resistência. Desse combate surdo entre o muito dinheiro e a muita imaginação, raras vezes-sai coisa escorregada. Por isso mesmo, há por esse mundo muitos casos de milionários a «morrem», lentamente, numa fogueira enorme de frustração e tédio bocejando pragas contra o seu destino, o seu dinheiro — e a sua imaginação, que amareleceu ao peso de tanto dinheiro...

Não é este, porém, o caso do sr. Brian Desmond Gallie, pessoa de largos bens e particularmente em foco, entre nós, mercê de uma decisão que tem muito de original e constitui uma rasgada atitude de simpatia para com o nosso país, para com o bucolismo, beleza e harmonia naturais de certos lugares da terra portuguesa. O sr. Brian Desmond Gallie, cidadão inglês com larga experiência da América do Sul, homem dos seus cinquenta e poucos anos, caldeado nos imponderáveis da vida do mar, descobriu num palmo de terra do nosso Minho aquilo que, pessoalmente, não encontrou em parte alguma do planeta em que rolamos. De Portugal, da sua gente, dos seus costumes, pouco conhece. Passara por Lisboa, há anos, em serviço, mas a sua permanência na capital não fora além de quarenta e oito horas... Isso, porém, não foi obstáculo para a materialização de uma ideia inspirada, em Inglaterra, pelos conselhos de um amigo e depois amadurecida por ocasião de uma recente visita ao território lusitano. Foi, pois, sem qualquer hesitação, que tratou da compra de um velho imóvel do pa-

trímio monumental de Barcelos, situado na pequenina e antiga freguesia de Faria.

Não gostou do Algarve — elegeu a Franqueira!

Está na moda, é certo, estrangeiros apaixonarem-se por este ou aquele rincão do nosso país e para cá virem com luzido estival de armas e bagagens, dispostos a sorverem, em calmo delírio contemplativo, as sombras e os relevos desses lugares. O caso do sr. Brian Desmond Gallie transcende contudo, o que possa imaginar-se.

Casado com uma senhora da África do Sul, herdeira, ao que parece, de vultuosos capitais, vivia, ultimamente agarrado às recordações da vida do mar. Fora adido naval em Buenos Aires na fase final da sua carreira, assinalando-se-lhe intervenção decisiva em vários assuntos das relações entre os governos inglês e argentino. Graças à sua acção, a Inglaterra forneceu, há anos, à Argentina, porta-aviões e material diverso, ao cabo de negociações que revelaram, a um tempo, o fino trato e a «costela» diplomática do sr. Brian Desmond Gallie. A política tentá-lo-ia. Ele, porém, atraído por uma recôndita sede de aventura (?), de livre exteriorização das suas tendências estéticas e românticas, preferiu continuar a pensar e a imaginar a pulcritude de certos lugares da Europa onde, em atmosfera de remanso, de beleza translúcida e simples, erguesse tal-

(Continua na página 3)

Continuamos a achar exagerado

Não voltamos novamente ao assunto dos últimos números, somente porque a população reagiu favoravelmente ao nosso comentário sobre a concessão de um avultado subsídio a uma empresa particular da cidade, chamada Termas do Eirogo, mas, sim, por razão de consciência, fundamentalmente porque procuramos tomar uma posição vertical aquela que uma atitude de cabeça bem levantada, para todos a verem, determina que assim procedamos.

Dizia-nos alguém, naturalmente amigo, que ainda bem que existia «O BARCELENSE» para proclamar as verdades que os ouvidos muitas vezes não ouvem porque se camuflam nas aparências do «real inocente». Não fizemos comentários, agradecemos unicamente a confiança, que fazem neste Semanário, porque se mais não lutamos, é porque também mais não temos possibilidades, possibilidades que muitas vezes não são materiais.

Essa confiança depositada pelos leitores, e essa noção de uma vida recta e isenta, determinam a nossa conduta, a linha que trilhamos em defesa do meio barcelense, nunca

pactuando em diatribes, nunca querendo mais do que uma sã camaradagem entre os homens e uma política de progresso para Barcelos. Custa-nos ver falsas posições, caminhos errados e por isso atacámo-los.

Ora o subsídio de 50 mil escudos para tratar 100 doentes pobres (número apresentado pelo concessionário e proprietário das Termas, logo tomado como certo), é, quanto a nós exagerado, avultadíssimo. E senão voltamos a fazer contas: cada doente, pobre ou rico, pagava a inscrição de 100\$00; se tomasse 20 banhos, o que já era bastante, gastava mais 200\$00, o que no total dava 300\$00; para 100 pessoas a quantia seria de 30 mil escudos. Seria lógico que, tratando-se de doentes pobres pagos por

(Continua na página seis)

TEMAS BARCELENSES

Tempo Invernoso ou Outonal?

Li em qualquer parte uma pequena frase latina — Vana Verbis — que se traduz por *palavras vãs*.

Palavras vãs, deitadas ao vento tempestuoso deste Inverno precoce. Palavras que se escrevem ao sabor do rugido do tempo, ao cair da chuva, no crepitar da acha quente na lareira da aldeia, na lareira dos nossos avós. Palavras vãs, palavras lançadas ao ninguém, ditas para aqueles que como nós se intretêm a ler para matar aquele tempo que medeia entre o ócio e as duras horas duma existência cada vez mais difícil, mais a exigir um trabalho profundo, em todos os sectores da vida, para se adquirir ou amealhar o muito que é preciso obter para o quotidiano. Mas essas palavras que a frase latina diz serem vãs, são contudo o refrigerio para uma noite chuvosa de Outono, os primeiros dias invernosos deste ano seco, estéril e profícuo.

Não acreditamos em palavras vãs, no seu todo. Acreditamos nos homens que não representam algo de positivo, antes o pernicioso das suas existências é o elemento chave para destruir o que se não fez — igual a retrocesso. Esses

sim, mais que as palavras, geralmente agem mais com acções negativas do que com palavras, tornam-se vulgares, mesquinhos, não desempenhando as altas funções de que todos somos investidos ao sermos filhos de Deus. Detesto-os, mais do que a essas palavras vãs, porque tudo o que é supérfluo, o que sobra, é porque já desempenhou a função para o qual foi designado, e a palavra, vã ou não, deixa sempre o rasto, bom ou mau. O mau é consequência da maldade dos homens, sendo necessário bani-lo, imediatamente, do convívio social.

Se assim agissemos a sociedade ficaria reduzida a um pequeno número, número representativo, contudo, mas talvez inoperante, na medida em que o bom em excesso não tinha utilidade, nos outros. Mas esses poucos existem, dão luta e são caluniados, exactamente por aqueles que nada fazem, ou se o fazem, agem na sombra, na penumbra, próprio de espíritos fracos, para dar obras que fazem abanar as verdadeiras obras. Geralmente o bom senso acaba por sobressair, mas o tempo que se gasta em combater o mal,

(Continua na página 3)

Jamais esquecerei aquela tarde de Março em que visitei pela primeira vez, a aristocrática e secular «Casa de Fervença» que, apesar de gasta pelas intempé-

ries, continua a ser um marco mililário a demonstrar às gerações vindouras, a grandeza e a glória que em tempos de antanho ostentou nos seus alvos torrões.

Situada num local privilegiado de aldeia próspera de tradições, deste antigo burgo, qualquer viandante que se aproxime, não poderá renunciar ao desejo que o atrai e leva a uma visita minuciosa.

Logo que se alcançam os seus pesados portões, parece-nos que a noção do tempo se confunde no labirinto de recordações para então, se retroceder a um passado belo e sublime e pleno de glória, havendo como símbolo desses tempos idos, uma carcomida espada que, tal como outras, talharam e consolidaram este velho e imorrecedouro Solo Lusitano.

Quem penetrar nos amplos salões desta Casa, a realidade confunde-se, por vezes, com a própria imaginação que se distende pelos horizontes desérticos do espírito de todo aquele que os admira.

Não é pela magnificência dos adornos, não — ali tanto predomina a singeleza, como a opulência das recordações —, é sim, pelo simbolismo de tudo aquilo que os adornam, pequenez de personagens que lá viveram e que se mantiveram numa postura digna, sem lhe exautorarem a dignidade e o respeito que havia de vincar para sempre, as suas altivas figuras de grandes Portugueses.

Homens que pela sua ténpera e galhardia venceram essa marcha vertiginosa do andar dos tem-

(Continua na página 3)

Amanhã é Domingo

Secção dirigida por P. ARTUR

Pensamento: — «O homem digno não precisa de falar de si para que o julguem tal».

Dia 12 de Dezembro — Dom. 3.º do Advento. Missa própria, sem Glória, Credo e Pref. da S. Trindade. Paramentos Roxos ou Rosáceos.

EVANGELHO (Jo. I, 19-28)

Naquele tempo, os Chefes dos judeus enviaram a João Baptista uma delegação de Sacerdotes e Levitas, para lhe perguntarem: «Quem és tu?» Ele, sem hesitar, declarou: «Eu não sou o Messias. E eles interrogaram-no: «Então és Elias?» — «Não sou» disse ele — «És o Profeta?» — «Não!» — «Então quem és?» insistiram eles. «Nós temos que dar uma resposta àqueles que nos enviaram. Que dizes tu de ti mesmo?» E João afirmou: «Sou a voz do que brada no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías.»

Dos enviados, alguns eram fariseus. Estes interrogaram-no: «Então por que baptizas, se não és o Messias, nem Elias, nem o Profeta?» João respondeu-lhes: «Eu baptizo na água; mas no meio de vós está Alguém que vós não conheceis. E Ele que virá depois de mim, embora exista antes de mim. Eu nem sequer sou digno de Lhe desatar a correia das sandálias.»

Isto aconteceu em Bethabara, além Jordão, onde João baptizava.

REFLEXÃO

«Eu nem sequer sou digno...» Bela lição de humildade nos dá hoje o Santo Precursor! João Baptista é a figura central do Advento de Cristo. Pois, esse homem privilegiado do que havia sido purificado do pecado original ainda no ventre de Santa Isabel; esse homem de quem o próprio Jesus dissera que «jamais houve homem mais excelso»; João Baptista confessa não ser «ninguém»... apenas uma voz que clama e prega: «fazei penitência, arrependei-vos dos vossos pecados, preparai a vinda do Senhor, desse Senhor de quem eu não sou digno de Lhe desatar a correia das sandálias». Como nos encanta este testemunho humilde de João Baptista: «de quem eu não sou digno...» Já sabias que a verdadeira humildade não tem nada de sanguinidade com covardia nem imbecilidade, mas é irmã gêmea da Verdade e da Coragem?

Humildade é Verdade e está na verdade, aquele que souber dar a resposta exacta a estas duas perguntas: Quem é Deus? e... quem sou eu? Se for... é inteligente e sincero, não se preocupará de dar muitas voltas à cabeça para concluir que Deus é tudo, e tu és nada, mas «tudo poderás com o Senhor que te dará força e coragem». Podemos, portanto, dentro do espírito da humildade, reconhecer os nossos talentos e qualidades — muitas ou poucas — reconhecê-las, não para nos envaidecermos porque, afinal, são dom de Deus, mas para as pormos a render e assim melhor podermos amar e servir a Deus.

Humildade é ainda valentia e coragem não só para corrigir os defeitos próprios, como também, perante os erros alheios, saber dizer como João a Herodes: «Não te é lícito» ainda que, para tal, a nossa vida corra perigo. Humildade é ter coragem para dizer a quem quer que seja: Não te é lícito manchar a alma no lodacal do pecado; não te é lícito servir as imundícies da carne; não te é lícito entrar naquela casa de pecado; não te é lícito alimentar aquela falsa amizade pecaminosa, sucumbir ao respeito humano, dar

ascândalo, assistir ao baile imundo e ao cinema imoral; não te é lícito leres nem possuíres esse livro e aquela revista obscena; não te é lícito aquele vestido... Sim, aquele vestido desonesto! Doia a quem doer!

Estamos a breves dias da festa do Natal. O Natal é a comemoração do nascimento de Cristo. E, por isso, uma festa genuinamente da Igreja, uma festa das famílias cristãs e sobretudo uma festa da nossa alma. Mas, não somos todos nós testemunhas de que ela tende a paganizar-se progressivamente? Não está ela a festejar-se mais nas vitrinas das casas comerciais do que no nosso coração? A ser transformada mais numa festa de cozinha do que numa festa de Igreja? Não querendo, evidentemente condenar a primeira, mas querendo colocar os interesses da alma acima dos do corpo.

Porventura, será justo que a preparação do Natal consista apenas em pensar no presente que se há-de dar ou receber? que haja mais afluência às lojas do que ao sacrário? que, finalmente, Jesus esteja a ser substituído pelo Pai-Natal?

Tenhamos cuidado com esta invasão pagã! Queremos que o Natal seja sempre uma festa da Igreja e das famílias cristãs no seu significado mais puro e espiritual.

Jesus, eu sei que esta festa é muito do vosso agrado: Agrada-Vos porque as famílias se reúnem, alegres, à volta do lar paterno; agrada-Vos porque as crianças... pequenas e grandes, se chegam bem para juntinho de Vós e Vos oferecem lindos presentes; agrada-Vos porque se fazem lindos presépios nas Igrejas e nas casas de pessoas vossas amigas; agrada-Vos porque, nesta quadra, os pobrezinhos também têm que comer e não passam fome! Eu sei tudo isto, Jesus, mas também sei que Vos agrada muito mais o presépio que cada um de nós Vos constrói no nosso coração para aí Vos receber!

Pois bem; já tenho poucos dias, mas começarei, desde hoje, a preparar esse presépio que nunca mais destruirei. Limparei a minha alma com uma boa Confissão e, no dia do vosso Nascimento, irei buscar-Vos às mãos do Sacerdote para que Vos venhais e fiqueis em mim até àquele dia em que vereis Vós a receber-me, não já num presépio pobre e frio como o meu, mas no rico palácio do Céu!

Casal Precisa-se

Casal agricultor para tomar conta de pequena quinta em Braga. Bom ordenado.

Dirija-se ao Campo de S. Tiago, 16 BRAGA

PIANO — Vende-se

Em bom estado, armação em ferro.

Falar nesta redacção.

Propriedade VENDE-SE

No Lugar da Igreja, na freguesia de S. Martinho; compõe-se de casa torre e casas térreas e terreno de lavradio, com ramadas em ferro e é toda murada,

Também se vende a metro quadrado, para construção de prédios. Informa esta redacção.

COMAX-TÊXTIL, Correia & Machado, L.^{da}

Por escritura de 24 de Novembro de 1965 lavrada a folhas 89 do Livro B-29 do 1.º Cartório Notarial de Viana do Castelo, foi constituída esta sociedade entre os sócios Doutor Manuel Roque Jorge Machado, médico, residente no lugar da Feira, freguesia de Lanheses, deste concelho, e natural da freguesia de Santo Ildefonso, da cidade do Porto, e António Luís Alves Correia, industrial, residente na cidade de Barcelos, no Campo Vinte e Oito de Maio, e natural da freguesia e concelho de Barcelos, e ambos casados, foi constituída uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro

A sociedade adopta a denominação de «COMAX-TÊXTIL CORREIA & MACHADO, LIMITADA», tem a sua sede na Avenida Doutor Sidónio Pais, número dezasseis-A, freguesia de Barcelos, da cidade e concelho de Barcelos, podendo criar sucursais ou filiais onde e quando o julgar conveniente.

Segundo

A duração da sociedade é por tempo indeterminado, contando-se o seu início desde esta data.

Terceiro

O objecto social é o exercício da indústria e comércio de tecidos de malha, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e para que não seja preciso autorização especial.

Quarto

O capital social é de um milhão de escudos, integralmente subscrito em dinheiro, e corresponde à soma de duas quotas, uma de setecentos e cinquenta mil escudos do sócio Doutor Manuel Roque Jorge Machado e a outra de duzentos e cinquenta mil escudos do sócio António Luís Alves Correia.

Parágrafo único

O sócio Doutor Manuel Roque Jorge Machado entrou já para a caixa social com a totalidade da importância correspondente à sua quota. O sócio António Luís Alves Correia entrou para a mesma caixa com a quantia de cento e vinte e cinco mil escudos, devendo os restantes cento e vinte e cinco mil escudos dar ali entrada, no prazo de cinco anos, em cinco prestações iguais, uma em cada ano, pagamento esse que poderá ser antecipado se assim convier ao sócio devedor.

Quinto

A gerência da sociedade, dispensada de caução, fica affecta a ambos os sócios.

Parágrafo primeiro

A sociedade só ficará obrigada quando os actos e contratos que para ela importem responsabilidades sejam assinados em conjunto pelos dois gerentes. Os documentos de mero expediente, nos quais não se incluem os necessários para o levantamento do dinheiro depositado, poderão ser assinados por qualquer dos gerentes.

Parágrafo segundo

O sócio Doutor Manuel Roque Jorge Machado poderá delegar, a favor de quem entender, mesmo em pessoas estranhas à sociedade, os poderes de gerência, no todo ou em parte, mediante procuração bastante.

Sexto

A cessão de quotas, total ou parcialmente, é livremente permitida entre sócios ou de estes para o seu cônjuge ou para os seus descendentes. A cessão a favor de outras pessoas fica dependente do consentimento prévio dos outros sócios, devendo aquele que o recusar, adquirir, para si, a quota pelo preço igual ao valor que lhe resultar à face do último balanço aprovado.

Sétimo

A divisão de quotas para efeito de cessão a qualquer sócio ou entre herdeiros de sócios não carece de autorização especial da sociedade.

Oitavo

A amortização de quotas só é permitida se for consentida pelos seus titulares.

Parágrafo único

Pode, porém, a sociedade proceder à amortização sem aquele consentimento quando:

- haja penhora ou arresto sobre as quotas ou tenha de vender-se a sua arrematação ou venda em qualquer processo; e
- os herdeiros do sócio falecido não queiram continuar na sociedade ou não nomeie, de entre eles, no prazo de cento e oitenta dias, a contar do óbito, um que a todos represente perante a sociedade.

Nono

Em qualquer caso de amortização, esta será feita pela importância que se mostrar pertencer ao sócio em capital, suprimentos e fundo de reserva legal, conforme balanço especial a que, para esse efeito, se procederá

Parágrafo único

O respectivo pagamento poderá ser efectuado de pronto, ou dentro do prazo de doze meses, mas, neste último caso, acrescido de juros, à taxa de quatro e meio por cento, liquidados desde a data da amortização, e com a garantia que for julgada conveniente.

Décimo

Os lucros líquidos apurados nos balanços anuais, depois de deduzida a percentagem para o fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção de setenta por cento para o sócio Doutor Manuel Roque Jorge Machado e de trinta por cento para o sócio António Luís Alves Correia, proporção em que serão suportadas as perdas quando as houver.

Décimo primeiro

As assembleias gerais, salvos os casos para que a lei prescreva prazos e formalidades especiais, serão convocadas por cartas registadas, expedidas com a antecipação digo a antecedência não inferior a oito dias.

Décimo segundo

Nenhum sócio poderá, por si ou por interposta pessoa, exercer em Portugal Continental, enquanto conservar a qualidade de sócio, qualquer ramo de comércio ou indústria igual ou semelhante ao da sociedade, sob pena de ter que pagar a esta um milhão de escudos como indemnização por perdas e danos.

Viana do Castelo, vinte e quatro de Novembro de mil novecentos e sessenta e cinco.

A Ajudante da Secretaria Notarial,

Maria da Conceição Dias de Sousa

Vendem-se

Três lotes de terreno para construção, próximo à cidade, em sítio muito gradável.

Cada lote 13.000\$00.

Informam na R. Barjona de Freitas 65 — Barcelos.

J. A. FONTAÍNHAS & FILHOS, L.^{da}

Alteração do Pacto Social

Por escritura de 28 de Janeiro de 1953, lavrada a folhas 32 do Livro n.º 499 do então notário em Barcelos, Dr. Luís Filipe Pinto de Fonseca foi alterado o pacto social desta sociedade quanto ao artigo 6.º e § único do pacto que fica com a seguinte redacção:

Artigo Sexto

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios António e Rafael, os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito representarão este na sociedade para todos os efeitos (de direito, digo efeitos), devendo, porém, nomear entre si um só deles para intervir nos negócios sociais.

Parágrafo único

Por falecimento ou interdição da sócia Dona Maria Ramos Meira Fontainhas os seus herdeiros, e que não sejam já sócios à data do falecimento ou interdição desta, não terão lugar na sociedade, mas receberão o que devidamente lhes pertencer apurado em harmonia com o balanço do ano anterior.»

Barcelos, 30 de Novembro de 1965.

O Ajudante da Secretaria Notarial,
João Alves de Faria

Arroz Brasileiro
(SECO GARANTIDO)
(AGULHA) K. 8540

RECEBEU CASA ÁGUA
TEL. 82445 — BARCELOS

J. A. FONTAÍNHAS & FILHOS, L.^{da}

Alteração do Pacto Social

Por escritura de 29 de Junho de 1944 lavrada a folhas 34 do Livro 433 do então-notário em Barcelos, Dr. Luís Filipe Pinto de Fonseca, foi alterado o pacto social desta sociedade, quanto aos artigos seguintes:

Quarto

O capital social é de quarenta contos, já realizado em dinheiro e dividido nas quotas: primeiro outorgante dez mil escudos, segundo outorgante dezasseite mil e quinhentos escudos e terceiro outorgante doze mil e quinhentos escudos.

Sexto

Por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, os respectivos herdeiros ou representantes receberão o que se apurar pertencer-lhes nasco, digo, pertencer-lhes na sociedade, segundo o balanço social do último ano.

Parágrafo único

Por falecimento ou interdição da sócia Dona Maria Ramos Meira Fontainhas, os seus herdeiros e que não sejam já sócios à data do falecimento ou interdição desta, não terão lugar na sociedade, mas receberão o que lhes pertencer devidamente pelo balanço do ano anterior.

Barcelos, 30 de Novembro de 1965.

O Ajudante da Secretaria Notarial,
João Alves de Faria

CAMISAS CUECAS
CAMISETAS PIJAMAS

Confecções «Barcélia»

Telefone 82784

Rua D. Diogo Pinheiro, 43
Campo Camilo Castelo Branco

BARCELOS (PORTUGAL)

RÁDIOS DE BOLSO

LEGALIZADOS a
350\$00

NO ESTABELECIMENTO DE
Armindo Silva

Telef. 82708

Ao lado do Senhor da Cruz

MÓVEIS

DE **Perfeito José Soares**
EM TODOS OS ESTILOS
EM TODAS AS MADEIRAS

ESTOFOS • COLCHOARIA
Facilidades de Pagamento

24 — AV. COMBATENTES DA GRANDE GUERRA — 26

(JUNTO A SANTO ANTÓNIO)

TELEFONE 82719

SOARES

AGENTE
DOS COLCHÕES
DE MOLAS
FLEX-
-SUPER

FERVENÇA

(Continuação da página 1)

pos que tudo vai apacando e lança, por vezes, actos de estoicismo e feitos de bravura, no mais injusto dos omisso.

Autêntico espelho de cristal O cenário dos montes e dos vales que circundam a «Casa de Fervença», é magnífico e calmo, que ofusca com o seu esbate, a iris do contemplador.

Ali, todo o artista esquece o báratro que constantemente o atormenta e sente deleites de primazia ao admirar os arrebois de sonho e policromia dos poentes cambiantes.

Os raios solares começaram a desaparecer. Do crepúsculo do Infinito a noite lançava já, sobre o vale, o seu mantó taciturno e espectral.

O pinhal da Franqueira sibilava uma melodia que só os grandes bucólicos sabem entender, que chegava até nós, embalada numa leve e fria aragem.

Com saudade retirámos daquelas paradisíacas e históricas paragens.

Um último olhar lançámos àquelas vetustas paredes agora envolvidas em horizontes de brumas fantasmagóricas que a noite dava a conhecer numa desolação fictícia de uma casa que serviu de berço a «Homens de um só rosto, de uma só fé e de um só parecer, Antes Quebrar que Torcer...» mas que à Corte souberam pertencer...

Gonçalo Nuno de Faria

BAPTIZADO

Na Igreja Matriz foi solenemente baptizado um filhinho da Sr.^a Professora Dona Maria Ave-lina Fontainhas da Graça Faria e do industrial barcelense, Sr. Jorge Oliveira Cunha, recebendo o nome de António Jorge.

Paraninfaram o neófito a Irmã São João, das Missionárias de Maria, e Santo António.

«O BARCELENSE» cumprimenta os Pais e Avós do recém-cristão.

TEMAS BARCELENSES

(Continuação da página 1)

deveria ser aplicado na procura de mais bem para todos. Bastaria que cada um se compenetrasse do seu dever, não agasalhando os vícios dos outros, não protegendo o mal, causa do retrocesso de Barcelos.

Depois de escritas estas palavras vãs, o tempo chuvoso deste Inverno mostrou-nos que os passeios da nossa bela cidade são ratoeiras autênticas, verdadeiras poças onde quem anda a pé está sujeito a penalidades desagradáveis: que o Campo da Feira continua a ser o mesmo calvário para aqueles que têm de o atravessar a ir ao correio: que os calceiros parecem peneiras a borriar os transeuntes; que tudo precisa de urgente solução. Ao dizer tudo, queremos significar exactamente tudo, mesmo aquilo que não disse-mos e o leitor apreenderá facilmente: isto para evitar *Vana Verbis*.

R. C.

OBITUÁRIO

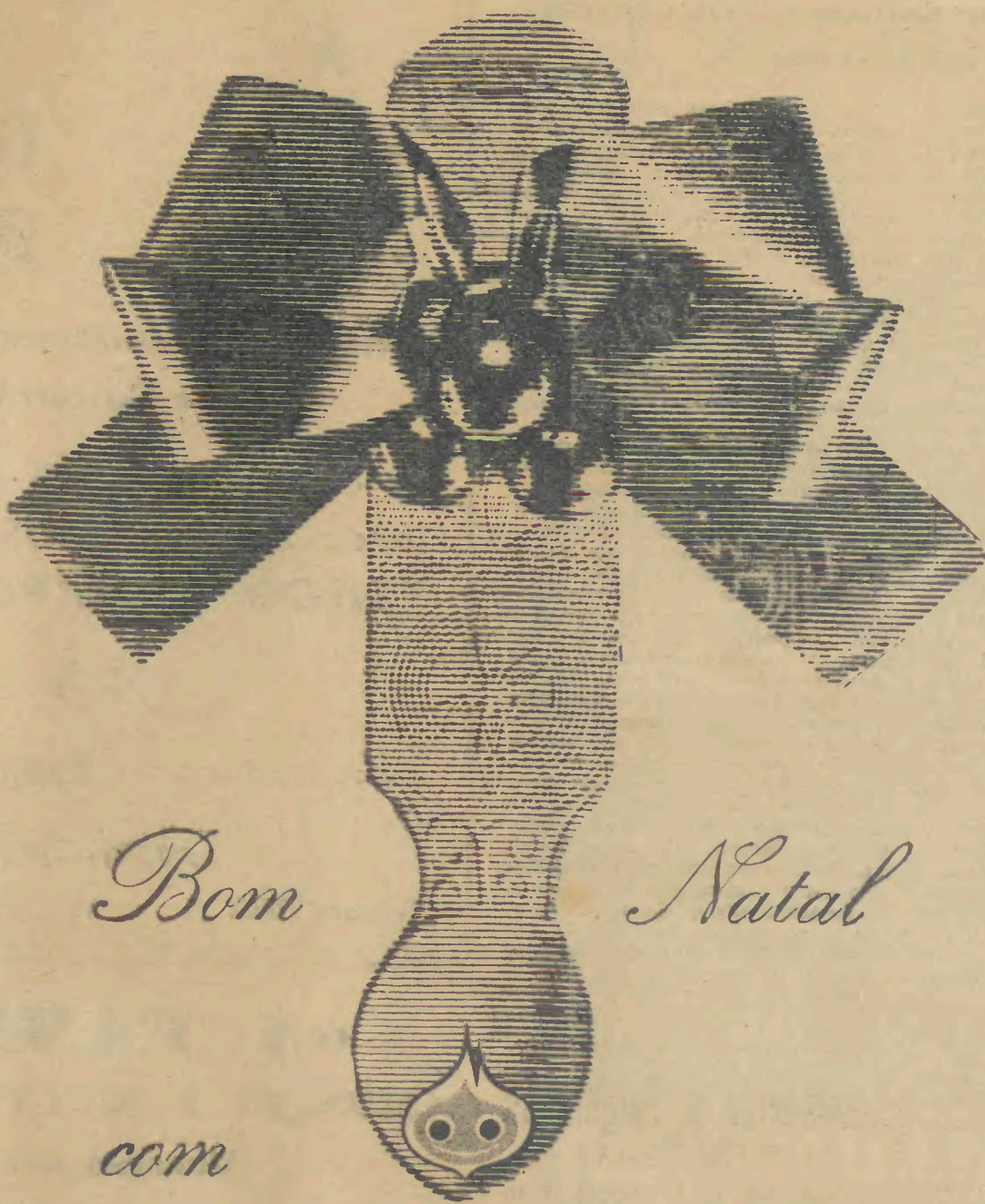
Agostinho Alves de Carvalho

Na última quarta-feira faleceu na sua residência o venerando barcelense e nosso prezado amigo Sr. Agostinho Alves de Carvalho, de 88 anos, viúvo, pai das Sras.: D. Graçinda, D. Aida, D. Rosa, D. Laurinda e D. Clementina Celeste Alves de Carvalho e dos nossos estimados conterrâneos Srs.: Dr. Alberto Alves de Carvalho, Domingos Alves de Carvalho, António Alves de Carvalho, Virgínio Alves de Carvalho e Agostinho Alves de Carvalho.

O funeral do saudoso finado efectuou-se ontem, sexta-feira, da Igreja do Senhor da Cruz, onde houve missa de corpo presente, para o cemitério municipal, sendo elevado o número de pessoas de todas as categorias sociais que tomaram parte no cortejo fúnebre.

«O Barcelense» apresenta a toda a ilustre família o seu cartão de muito pesar.

— R



Bom Natal

com

Gás Mobil

CLICK!

CAMPANHA DE 15 DE NOVEMBRO
A 15 DE JANEIRO
FAÇA O SEU CONTRATO ONDE VIR
ESTE SINAL



Mobil Oil Portuguesa

AGENTES E REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

Agentes para o Concelho de Barcelos

CORRÊA & CARDOSO

Comprou o Convento da Franqueira

Continuação da página (1)

vez a sua casa do futuro — o castelo dos seus sonhos ou a doce «prisão» para a febricitante vagabundagem da sua alma universal.

Ja vender, em Dorchester, a sua linda quinta, até cujos muros chegavam os ventos salgados do Mar da Mancha. Dorchester é uma calma cidade do sul da Inglaterra, encontrada no condado do Dorset, uns 200 quilómetros distante de Londres. Ao longe, corre a linha esverdeada e irregular da costa, as baías de Poole e Weymouth. Terra de prados e arvoredos fartos, centenas e centenas de cabeças de gado ondeando por sobre os prados verdejantes, muito certos... O espirito do sr. Brian Desmond errava por muito longe dali. O amigo insistiu: «Se vai vender a quinta e procura sitio ideal para outra, vá até Portugal...» E ele não se fez rogado. Um salto a Portugal e ei-lo no Algarve, à procura de um novo amor telúrico. Não gostou. Andou por outras regiões, chegou a interessar-se por uma propriedade situada em Tabuaga, mas acabou por descobrir no Minho o que pretendia!

A suave paisagem verde, as doces claridades banhando o sopé do monte da Franqueira, em Barcelos, empolgaram-no. E tudo ficou decidido quando ele avistou a silhueta grave, impressionante do vetusto convento dos frades, lá na freguesia de Faria!

Dois camiões conduzem o mobiliário por estradas da Europa...

E a compra do convento ficou decidida. Seria ali a sua casa do futuro — num pedaço rural, singelo, da terra portuguesa, exposto aos ventos no cabeço de um monte, o monte da Franqueira.

À sombra do velho convento, deram-se outras sombras do passado: as ruínas do castelo de Faria, de remota fundação, pois diz-se que em épocas do «Conquistador» era considerado inexpugnável. As «Lendas e Narrativas», de Alexandre Herculano, falam-nos do tocante episódio da morte do glorioso alcaide de Faria, que os castelhanos haviam aprisionado.

Pelos arredores, espalham-se lugares de suave bucolismo: Cimo-de-Aldeia, Cortinhal, Fim-de-Vila... Olhando a paisagem, o sr. Brian Desmond Gallie, que aplicou na compra do convento importância muito inferior àquela que gastará com as obras do restauro, sentiu-se de tal modo impressionado que não quis esperar mais, diligenciou desfazer-se da quinta que possuía no condado de Dorset, vendeu parte do seu recheio e... mandou vir para Portugal, em dois gigantescos camiões, as peças mais importantes do mobiliário, qua-

Farmácias de Serviço

Amanhã, Domingo encontram-se de serviço permanente

FARMÁCIA OLIVEIRA

Av. Combatentes da Grande Guerra

Em Barcelinhos: J. ALVES DE FARIA
Rua Miguel Miranda

Festa de Anos

Passa no dia 14 o seu aniversário natalício o nosso prezado assinante

ros, obras de arte, tapeçarias, lustres, etc., todo um arsenal de mobiliários e decorações ao estilo clássico inglês. Por estradas da Europa e com ponto de partida em Roterdão, na Holanda, aí vêm os dois camiões, conduzidos por quatro experientes motoristas daquele país. Um dia destes, passarão a fronteira espanhola e virão para o Porto, em demanda das terras do Minho — rumo ao cabeço da Franqueira, miradouro sobre Barcelos.

Milhares de contos serão gastos no restauro do convento da Franqueira, estando a obra confiada a um conhecido arquitecto portuense. E quando tudo estiver concluído, o sr. Brian Desmond poderá escrever para Inglaterra e recomendar, jubiloso, aos seus dois filhos, uma rapariga de 17 e um rapaz de 15 anos:

— Venham, meus filhos. Venham, pelas férias, conhecer o monte da Franqueira. Venham conhecer Portugal...

Transcrito com a devida vénia do Diário «Jornal de Notícias», do Porto.



Sr. António Duarte Pedrosa, industrial desta cidade.

Por esse motivo sua esposa, filha, genro e netas desejam-lhe as maiores felicidades, pedindo a Deus que esta data se repita por muitos mais anos.

ZARRAVRURHO — Hoje e amanhã — Papas e Rolões na REGIONAL — Rua Bom Jesus da Cruz

A Quinta do Sardoal dos Silvas de Pedra Furada

Apontamentos ao correr da pena por Ilídio Eurico Gomes Ramos

O Trabalho e as Armas enobrecem e elevam o homem

(Continuação do N.º 2 845)

Nas nossas primeiras notas sobre esta quinta, saíram duas gralhas que convém desde já rectificar: Uma que diz respeito a dedicatória inicial do nosso artigo, que diz — «O Trabalho e as Armas enobrecem e elevam o homem» —, quando em vez de Armas escrevemos Artes; a outra diz respeito ao nome da santa padroeira de Pedra Furada, que saiu Santa Lucrécia, quando na realidade é Santa Leocádia, de quem diz a lenda «que quando foi martirizada, a sepultaram de pé e com uma pedra sobre a cabeça, para que não saísse dali para fora, mas a santa tanto esforço fez que a pedra ficou com uma concavidade do formato da sua cabeça», e daí o nome de Pedra Furada que deram à referida pedra, que se encontra no adro da igreja daquela freguesia.

E reatando o fio à meada, interrompida no último número deste jornal, continuamos a descrição da Casa do Sardoal, com umas leves referências à sua arquitectura, que sem ser famosa denota no entanto boa estruturação, assemelhando-se em alguns dos seus mais importantes pormenores técnicos às mansardas francesas, habitadas pelas maiores glórias das letras, das artes e das ciências.

Esta casa possui dois acessos de escadarias de granito da região, um na frontaria voltada ao nascente, que dá comunicação à parte central do edifício, e um outro no lado oposto da casa e voltado a nordeste, que conduz o visitante à cozinha e a outras dependências que lhe ficam anexas.

No seu interior, o visitante fica extasiado perante a diversidade das diferentes obras de arte que ali se deparam aos olhos ávidos de emoções fortes. Com efeito, ali se vêem magníficos exemplares nas modalidades de desenho, pintura, fotografia, escultura e bibliografia, que o seu donatário cultivava com apaixonado carinho. Ao admirar-mos tão excelentes trabalhos de arte, ocorrem-nos à lembrança, que se fosse possível reunir numa só sala todos os espécimes artísticos dispersos pelas diferentes salas da Casa do Sardoal, organizar-se-ia um verdadeiro museu de arte de apreciável valor, tal a importância de que se revestem as obras que ela alberga adentro das suas velhas paredes. Ali vive-se e respira-se as Artes como nos grandes museus destas especialidades.

Na sala de pintura e de exposição fotográfica, pudemos admirar telas e pinturas de grande valor artístico, ampliações fotográficas de apreciável valor artístico e de rara beleza, em algumas das quais se canta um hino de louvor à mulher portuguesa e aos seus dotes esculturais; também se vêem ali diversas estatuetas em gesso e bustos em bronze, mobiliário adequado e um arquivo onde o Sr. Silva conserva a correspondência mantida através dos tempos com insígnis figuras da vida nacional.

Na livraria desta casa tivemos o ensejo de apreciar de perto obras dos melhores autores nacionais e estrangeiros, não se encontrando todas as que existiram no tempo do pai daquele nosso estimado amigo, por terem sido oferecidas pelo Sr. António Silva à Biblioteca Municipal de Barcelos, com o título de «Legado do Dr. Joaquim Alvares da Silva», e de cuja oferta já feita há alguns anos, na devida altura este jornal fez uma amável referência, até à data ainda não foi endereçado um simples ofício a acusar a sua recepção.

Na sala de jornalismo e arquivo fotográfico, também se podem ver em arquivo, algumas das mais diversas reportagens que António Silva, desenvolveu pacientemente durante o tempo que esteve ao serviço de «O Primeiro de Janeiro». Neste e noutros aspectos da sua vida profissional, a nossa terra muito lhe deve pela propaganda que dela fez durante 30 anos nas colunas daquele importante diário portuense, nomeadamente e mreportagens etnográficas e históricas, e nos seus costumes, lendas e tradições, que ele sempre pôs em destaque com o maior bairrismo, como hoje não vemos fazer melhor, procurando sempre que se lhe oferecesse oportunidade de elevar Barcelos no conceito nacional, e tornar o nosso concheito mais conhecido entre nacionais e estrangeiros, chamando a atenção para as belezas e encantos paisagísticos da sua e nossa terra. Honra lhe seja feita pelo seu intenso labor em prol de Barcelos.

(Continua)

Automóveis e Furgonetas (DE RETOMA)

RENAULT L-4 (1963) com 18.000 Kms. (Sem averbamento). FIAT 1100 (bem calçado e boa mecânica). (Muito barato). MORRIS J-2 Diesel em bom estado.

Vendem-se na Garagem Castro Telef. 82408 — Barcelos.

Casa — Vende-se

Na rua Miguel Bombarda n.º 50, com 1.º andar e quintal. Para tratar no n.º 67, em frente.

PORCOS

Vendem-se bácoros Large Whitte puros. Informa esta Redacção.

CHEGARAM AS NOVIDADES PARA 1966 DA



SÉRIE

UNIVERSO

PHILIPS



Rádios • Tele-Receptores • Equipamento Musical • Construções Electrónicas •

Se comprar AGORA um destes artigos PHILIPS fica habitado aos SORTEIOS SEMANAIS do fabuloso concurso "SACO PHILIPS" com prémios no valor de

25 CONTOS

Consulte o Agente Oficial

Armando Faria Fernandes

Telefone 82602

Av. Combatentes da Grande Guerra

BARCELOS

«A FAMÍLIA»

CRESCEI E MULTIPLICAÍ-VOS

Educação dos filhos

(Continuação do número 2843)

- 1 — Pela educação dos próprios pais.
- 2 — Pelo ambiente familiar e do meio.
- 3 — Pelo exemplo.
- 4 — Pela palavra.

Ninguém dá o que não tem — portanto se queremos dar boa educação, é preciso que nós sejamos educados. Toda a tarefa da educação da criança, assenta na educação dos seus pais, visto que deles herda qualidades e defeitos, e é olhando para eles que há-de ir formando a sua maneira de ser.

O ambiente da família e do meio — tem influência decisiva na educação da criança. (Bons ou maus exemplos, tudo a criança fixa e copia). Como é que — um pai pode exigir dos seus filhos, que não digam palavras, se eles os dizem na sua presença?

Como é que — pode exigir dos seus filhos, que sejam amigos uns dos

outros, se ele não é amigo em parte da sua esposa?

Como é que — uma mãe pode exigir dos seus filhos, que sejam obedientes ao seu pai, se elas tantas vezes, diante dos seus filhos se apresentam em contrário às ordens do seu marido?

Como é que — um pai pode exigir dos seus filhos, que não frequentem maus divertimentos, se os filhos os lá vão encontrar?

Onde está a autoridade dos pais para exigir?

Os nossos actos — falam tam alto que não deixam ouvir as palavras que dizemos.

Os pais devem falar — com os filhos e interessar-se por aquilo que lhes interessa a eles desde os seus jogos aos seu estudo e trabalhos, das suas companhias aos seus namoros.

Vigiemos os nossos filhos.

Segundo a palavra de Deus, escrita na Bíblia, que a Hierarquia da Igreja nos faz considerar e leva a pôr em prática, os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos porque:

— Foram eles, de sua livre vontade, que os chamaram à vida; — porque a nossa vida o que temos de mais valioso, visto ela é o tempo que Deus nos dá para aprefeigoarmos a Sua obra nomeando: — é «tempo» de inscrevermos ou perdermos a vida eterna. De todas as obras que podemos realizar no mundo, a única que fica para a eternidade — feliz ou desgraçada — é dar a vida a um filho, pois até o seu corpo há-de ressuscitar e não morrerá mais. Porque são os responsáveis directos pela existência dos filhos, os pais não podem descarregar em ninguém mais a sua responsabilidade de os educar.

Mas há pais que pensam que os professores, as catequistas, e outras pessoas da família, por esta ou por aquela razão, tem mais obrigação do que eles de educar os seus filhos.

O pároco, os professores e todos os que rodeiam as crianças e os jovens estão comprometidos, realmente, mas nenhum deles conseguira amar, corrigir, amparar, estimular como os pais, pois a estes dá-lhes Deus graças especiais, «graças de estado» para realizarem a sua missão.

— A eles mais que a ninguém, os filhos reconhecem o direito de o fazerem.

Continua

A. J. E.

Anúncio publicado em «O Barcelense» em 11-12-1965, no n.º 2847.

Tribunal Judicial de Barcelos

(SECRETARIA)

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Faz-se saber que por este Juízo de Direito e segunda secção de processos da Secretaria Judicial correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos autores Francisco Azevedo Pereira e mulher, Maria da Glória da Silva Pereira, jornaleiros e Gaspar Azevedo Pereira e mulher, Maria dos Prazeres Sousa da Silva, operários e dos réus José da Silva Pereira, viuvo, pedreiro; Rosa Azevedo Pereira e marido, Joaquim Fernandes Correia, ela doméstica e ele carpinteiro; Domingos Azevedo Pereira, solteiro de 18 anos e Paulo Azevedo Pereira, solteiro, de 16 anos, todos da freguesia de Tameil São Verissimo, desta comarca, nos autos de acção especial de arbitramento para divisão de coisa comum que os autores acima indicados movem contra os réus também acima mencionados, para no prazo de dez dias, a contar da citação, que se conta finda o prazo dos éditos, deduzirem os seus direitos no já identificado processo, desde que gozem de garantia real sobre os bens a vender. Barcelos, 2 de Dezembro de 1965

O Escrivão de Direito

(A) Joaquim Pinto Coelho

Verifiquei

O Juiz de Direito,

(a) João Carlos Afonso da Rocha

Vende-se

Moradia em óptimo local, na rua da Igreja, em Fão, com 16 metros de frente e 25 metros de fundo.

Para tratar, falar na Garagem Castro — Barcelos.

Fábrica de Confecções ROCHA

VILA NOVA DE CERVEIRA

A mais moderna e a mais automática do País

A que apresenta sempre as últimas novidades, tanto nacionais como estrangeiras,

FABRICA A PREÇOS VERDADEIRAMENTE INACREDITÁVEIS

Para Senhora: Casacos compridos, Fatos completos (saías e casacos), Casacos curtos, Gabardines, Impermeáveis, etc.

Para Homem: Fatos completos (casaco e calça), Gabardines, Sobretudos, Samarras, Casacos Sport, Blusões, Calças de Terylene, Calças de passeio e trabalho, Impermeáveis, etc.

Para Menina: Casacos compridos, Casacos curtos, Impermeáveis, etc.

Para Menino: Fatos completos, Gabardines, Sobretudos, Samarras, Impermeáveis, Calças, etc.

Não perca tempo, faça as suas compras nesta ORGANIZAÇÃO e, ganhará muito dinheiro.

Todos estes artigos estão à venda nas suas Filiais

Em Vila Nova de Cerveira

CASA ROCHA

Rua Queirós Ribeiro, 55-59 — Telefone 95224 P. B. X.

Em Viana do Castelo

A Nova Alfaiataria de Viana — Casa Americana

Rua Sacadura Cabral, 110-112 — Telefone 22094 P. B. X.

A Gerência espera a visita de V. Ex.ª



NOITE

DE

NATAL

NÃO DEVEM FALTAR NA SUA MESA OS DELICIOSOS

SONHOS ♦ BOLO REI ♦ PUDIM E CAFÉ ♦

DA Pastelaria Arantes

SARRABULHO — Hoje e amanhã — Papas e Rojões na REGIONAL — Rua Bom Jesus da Cruz

PELO CONCELHO

ALVELOS

Casamento — Celebrou-se na igreja paroquial desta freguesia no dia 8, do corrente o casamento da Sr. Ataliba Fernandes Pereira, de 42 anos de idade, natural do Rio de Janeiro-Brasil, com a Sr.^a Maria Ligia Gonçalves Braga, de 33 anos de idade, natural da freguesia de S. Lázaro da cidade de Braga, ambos residentes nesta freguesia.

Estas pessoas vivem há alguns anos maritalmente e por serem extremamente pobres foi preciso as autoridades desta freguesia não se pouparem a sacrificios até conseguirem a documentação para organizar o respectivo processo na Conservatória do Registo Civil. Temos a agradecer ao Sr. Dr. Conservador pela forma como fomos sempre bem atendidos bem como por todos funcionários e funcionárias daquela Repartição.

Não pode esquecer o Sr. Presidente da Comissão Municipal de Assistência e a Sr.^a Funcionária da Secretaria por ter cedido ao nosso pedido, pagando quase toda a despesa com a documentação, para este fim o que muito agradecemos.

Temos a lembrar o interesse que sempre mostrou a Sr.^a Dr.^a D. Ercilia Novais Machado, da cidade de Barcelos, e até louvamos a acção em oferecer a esta gente diversas roupas de vestuário e ainda algumas coisas alimenticias para o jantar do casamento.

Ao Rev.^o Pároco coube-lhe organizar a documentação para o processo canónico e celebrar o casamento.

A este novo casal que conseguimos arrancar da miséria espiritual, desejamos-lhe muitas felicidades no seu lar e que eles continuem na Graça de Deus, a fim de poderem viver também longe da miséria material.

Celebrou no dia 5 do corrente, na igreja paroquial desta freguesia, o casamento do Sr. Manuel da Costa Faria, operário, da vizinha freguesia de Remelhe, com a Sr.^a Maria da Conceição Silva Simões, operária fabril, desta freguesia. Foi celebrante o Pároco desta freguesia.

Desejamos aos noivos muitas felicidades na sua nova vida.

Falecimento — Depois de 12 dias de sério sofrimento, por ter sido atacada de Lesões vasculares afectando o sistema nervoso central faleceu com 41 anos de idade na sua casa de habitação, no lugar dos Giestas, desta freguesia, no dia 5 do corrente, a senhora Maria dos Prazeres Figueiredo Simões, esposa do estimado proprietário e negociante de gado, Sr. José Gomes Ferreira, assinante do Jornal «O Barcelense». Este acontecimento causou tristeza a todo o povo de Alvelos porque esta finada pertencia à boa família e gosava da estima de quem a conhecia e a sua falta entou os melhores lares desta freguesia.

O seu funeral foi no dia seguinte, onde compareceu no acompanhamento e apresentou sentimentos de pêsames, muitas pessoas da freguesia, circunvizinha, da cidade de Barcelos, e ainda algumas doutros concelhos.

Vacina Anti-Poliomiolítica — No dia 2 do corrente conforme foi anunciado, na Escola Primária desta freguesia, das 571 crianças inscritas foram vacinadas contra a paralisia infantil 557, sendo destas 231 que frequentam a escola. Compararam todas as crianças aqui residentes, apenas faltaram as que se encontravam doentes.

Temos a agradecer e até a louvar a Senhora Directora da Escola e todas as senhoras Professoras e Professor, a forma como colaboraram sempre de boa vontade em tudo que estava ao seu alcance, com isso auxiliando muito nesta companhia as autoridades desta freguesia, sendo isto apreciado e agradecido pelo pessoal das brigadas de vacinação.

Suicídio — Nas primeiras horas da madrugada do dia 5 do corrente apareceu enforcada junto à casa da sua habitação, Teresa de Jesus Silva Laranjeira, de 28 anos de idade, casada, doméstica, do lugar do Pinheiro, desta freguesia.

Esta infeliz tinha tido um parto há 2 meses, e como disse não ficasse muito bem era impaciente com o seu sofrimento, parecia ter tido algum desarranjo mental. O seu marido para a confortar e defender da doença que ela sofria, conseguiu interná-la no Hospital de São Marcos da cidade de Braga, donde teve alta no dia 3 do corrente.

Tentada e vencida pelo «demónio», aproveitou a ausência do seu marido para o trabalho, para preparar a condenação da sua vida. Este findo o seu trabalho, pelas 2 horas, dirigiu-se à sua casa, chegando às 2,30 horas da madrugada, onde a encontrou morta e suspensa na armadilha preparada pelo inimigo das almas, junto à sua habitação.

O marido perante o que viu, com os seus gritos alvorçou toda a vizinhança comparecendo ali todos os que ouviram.

Imediatamente o caso foi comunicado às Digníssimas Autoridades a fim de correr os termos de lei, não tendo havido suspeitas de crime; Lamentamos muito este caso.

Apresentámos à família em luto com este triste acontecimento as nossas condolências, e pedámos todos a Deus por ela porque talvez não fosse responsável por o crime que cometeu e, que Nosso Senhor nos livre sempre de semelhantes horas feitas e que nos dê juízo a todos até à hora da morte.

C.

FRAGOSO

O tempo — Devido à continuação do tempo invernosos estão inactivos todos os trabalhos da lavoura. Estamos no período das sementeiras dos cereais de pregana e da apañha da azeitona mas tudo isso ainda está por começar.

Agora com a fase da lua que se aproxima — lua cheia — pode ser que volte melhor tempo. Hoje não choveu o que já não se verificava há alguns dias mas a temperatura baixou bastante.

Autoridades locais — Passou a desempenhar o cargo de Presidente da Junta de Freguesia, o Sr. Albertino Gonçalves Gomes Beirão, o qual já ocupava o lugar de Secretário, sendo nomeado para substituir este o Sr. Delfim de Sá Neiva. Este senhor exercia há já muitos anos o cargo de regedor. Cargo este agora entregue ao Sr. Albino Martins do Vale.

O Sr. António Martins de Queirós Torres, presidente cessante delegou no Sr. Beirão por motivos de saúde. No entanto é justo reconhecer a dedicação e sacrificio que despendeu durante perto de 30 anos.

Se durante esse longo período de tem mais não fez foi porque nem tudo estava dentro das suas possibilidades.

Por tudo quanto conseguiu realizar em prol do progresso de Fragoso aqui fica calorosamente consignado o nosso grato e incondicional reconhecimento.

E assim cumpre-nos igualmente dirigir uma eloquente saudação aos novos agora no exercício das suas funções sendo para desejar que a sua actividade seja próspera e fecunda.

Caça — Caçadores desta região não aceitaram de boa vontade a ordem dimanada da Comissão Regional do Norte no sentido de que a época da caça termine em 15 do corrente.

A referida entidade alega para o efeito a notória escassez de espécies indígenas e terá razão; mas os caçadores também protestam que se muniram das respectivas licenças e que o período de caça já era pequeno. E não terão igualmente razão? Procurem os Srs: Guardas da Venatória exercer mais e melhor fiscalização durante o defeso e a caça abundará.

Não estará aqui a chave do problema?

E experimentar e depois se verá.

T. Vieira

AREIAS DE VILAR

Vacinação contra a paralisia infantil — Decorreu na melhor ordem a vacinação das crianças desta freguesia, num total de 367 crianças de ambos os sexos, realizada no passado dia 2 do corrente, sendo a vacina administrada pelas Ex.mas Senhoras Professoras das nossas escolas. Não podemos deixar de salientar publicamente o interesse e carinho com que as mesmas senhoras trabalharam, para que as crianças dos três meses aos nove anos, fossem vacinadas. É justo salientar também, como todos os pais ocorreram à chamada, pois julga-se não ter ficado uma única criança sem a vacina.

Caminho do Socorro ao Lugar do Monte — O caminho que do Socorro, passando pelo lugar da Aldeia, segue até ao lugar do Monte, está intransitável. Os habitantes daqueles dois últimos lugares, estão bloqueados pela lama, não podendo lá chegar qualquer transporte motorizado, mesmo que a urgência seja absoluta. Preciso se torna, que as autoridades responsáveis, neste caso a Junta de Freguesia, pense um pouco naqueles povos. É verdade, a razão é bom que se diga, que ainda o ano passado a Junta de Freguesia gastou nesse caminho importância digna de registo, e nenhum dos utentes desse caminho, pensou em desviar as águas para um local que não prejudicasse ou viesse a prejudicar o piso do mesmo caminho.

Que todos trabalhem, quando possível para o bem comum, e tudo se realizará com menos esforço e menor dispêndio.

Estrada do Montinho ao lugar do Socorro e deste até à Estrada Nacional em Adões — Está em péssimo estado, a estrada que do lugar do Montinho segue até à Estrada Nacional, precisando de urgente reparação. Temos conhecimento de projectos já realizados, mas para já, só em projectos se falou. Virá um dia a realização desse projecto? E até lá, continuaremos indefinidamente sem uma Estrada digna para dar acesso a um dos melhores e mais antigos Monumentos Nacionais, o Convento de Vilar de Frades? Esperemos que tudo se venha a resolver com a urgência que o assunto requer, para bem de todos nós.

Outras notícias — Na Igreja do Convento de Vilar de Frades realizou-se o enlace matrimonial da filha mais nova do Sr. José Joaquim

Gonçalves Esteves, prima do nosso Rev.^o Pároco Sr. Padre Aurélio Ribeiro Soares. Ao novo lar cristão apresentamos os nossos votos de muitas felicidades.

Passou no último sábado o aniversário natalício de uma filhinha do Sr. António Joaquim da Silva Martins (Quintela), Presidente da nossa Junta de Freguesia.

Também no dia 2 do corrente festejou a sua festa de anos o Sr. Armando da Silva Martins, empregado da Casa de Saúde de S. João de Deus, Hospital da Granja de S. José. Daqui deste cantinho, por intermédio de «O Barcelense», desejamos a todos muitos anos de vida e cheios de felicidades.

C.

ALDREU

Abertura — Quando fui nomeado correspondente deste jornal, não foi só para fazer crítica dos problemas da freguesia, aliás o que infelizmente quanto a melhoramentos ainda há muito que dizer, mas para que não fique com a consciência carregada com os meus maldizeres, ou seja com as verdades, e mande alguns para o outro mundo, mais cedo e assim acarreto sobre a freguesia um luto pesadíssimo!

Melhoramentos — Hoje vou falar de alguns melhoramentos que felizmente, com a vontade do Dig.^o Pároco da freguesia, vamos fazer dentro em breve. A nova residência paroquial que todos habitantes fazem votos para que esta tenha inicio no princípio do ano é situada à margem da estrada nacional e mais próximo da Igreja que é uma obra que envaidecerá um pouco os Aldreuenses, e sobretudo beneficia ao Dig.^o Pároco da freguesia, que já não foi pouco o sacrificio que há muitos anos vem fazendo da actual residência, a qual fica a uma distância da Igreja de cerca de quatrocentos metros.

Oxalá que o povo também pensasse num coreto para a música e que pudesse ser inaugurado aquando à nova residência.

Registo Civil — Também é do nosso conhecimento que Aldreu está sem Registo Civil, devido ao pedido de demissão da sua encarregada. Chegando até nós notícias um pouco desagradáveis dizendo que outra freguesia se ia candidatar para chamar a si este posto, daqui apelamos para quem de direito e que de momento não posso nomear, para que a secção do Registo fique em Aldreu, pois ainda existem pessoas competentes para retomar tal cargo.

Vindos de França — Para visita a suas esposas, filhos, pais e mais familiares encontram-se nesta freguesia Virginio Martins de Sá, Jaime da Silva Rodrigues, Anibal de Sá Macedo, Moisés de Jesus Baptista Razão e Justino Alves Couto a quem tivemos a honra de cumprimentar.

Doente — Ainda se encontra de convalescença devido a queda que sofrera no mês passado, o nosso prezado amigo Sr. José Bernardino Gonçalves Pereira, a quem desejamos rápidas melhoras.

C.

AIRÓ

Festa da Padroeira de Portugal —

O bom povo desta freguesia saudou jubilosamente a Rainha dos Portugueses, Nossa Senhora da Conceição, no passado dia 8, dia a isso destinado pela Santa Igreja e grande para os Portugueses, pois Ela é nossa mãe e nós como bons filhos somos obrigados a saudá-la no dia da sua festa. Assim salientamos que, como tínhamos noticiado, decorreram com grande brilho as novenas, e, para melhor preparação, houvera na antevéspera, officio de 5 padres pelos irmãos da Confraria de Nossa Senhora já falecidos, e no fim confissões para todos os fiéis assim melhor festejar o dia da Mãe e assim fazer as suas ofertas destinadas à Construção da Obra do Centro Apostólico do Sameiro; havendo então de manhã missa cantada e à tarde sermão por um distinto orador sagrado.

Saudemos hoje e sempre com fervor e piedade a nossa boa Mãe, que Ela defenda Portugal dos inimigos tão ferozes.

Aniversário — No passado dia 4 do corrente, teve a sua festa natalícia festejando os seus 52 anos de existência a Sr.^a Catarina Alves Marinho, esposa muito querida do nosso amigo e assinante de «O Barcelense», Sr. António Joaquim Faria e Silva, pelo que, desde já lhe enviamos as nossas felicitações e votos de muitas festas natalícias.

De regresso — Já chegou ao nosso conhecimento de que já se encontra entre nós vindo da faina do bacharel, a bordo do «Estêvão Gomes» o nosso amigo pescador Sr. Celestino Ferreira de Carvalho, para assim passar um Feliz Natal na companhia de sua família; pois é o que lhe desejamos e, por isso desde já os nossos cumprimentos.

Falecimento — Faleceu na residência e na casa da Sr.^a Alexandria Fernandes, no dia 7 do corrente, a Sr.^a Leopoldina de Araújo. A toda a família em luto vão os nossos sentidos pêsames.

C.

BILHARES LIVRES

Vendem-se 2 excelentes bilhares. Falar nesta redacção.

3 INCLINAÇÕES NATURAIS...




...um delicioso conjunto (BRANCO, TINTO E ROSÉ) CASAL DA DEVEZA e...naturalmente o gosto de quem bebe por gosto

MOURA BASTO

Distribuidor nos concelhos de Barcelos e Esposende:

MIGUEL A. MIRANDA DA SILVA

RUA FILIPA BORGES, 15-17

Telef. 82630

BARCELOS

Luvras

Encontraram-se na freguesia de Alvelos umas luvas de cabedal que se entregam a quem provar pertencer-lhes, tendo de pagar este anúncio. Informa José Cardoso de Miranda, da mesma freguesia.

Propriedade

VENDE-SE

Uma propriedade no lugar das Pontes; é constituída por casa e quintal, com a área de 1.500 metros, tendo ramada em toda a volta e um bom poço. Informa esta Redacção.

Samarra

Aparecer na rua Trás-as-Freiras uma samarra, em bom estado. Entregue-se a quem provar pertencer-lhe tendo de pagar este anúncio. Informa esta Redacção

Casa de Pasto

Passa-se uma, nesta cidade. Informa esta Redacção.

Quarto

Aluga-se independente em casa particular. Informa esta Redacção.

ALTO-FALANTES

CASA SOUCASAUX

Telefone 82345

Instalações Eléctricas em todos os géneros E Grupo Electro-Bombas

BARCELOS

Aluga-se

Duas moradias, a um quilómetro da cidade, junto à Fábrica Nova da Fiação, com 2 quartos, sala comum, cozinha e quarto de banho. Informa Rosa Arzes ou Manuel Dias Gonçalves.

Compra-se

Casa devoluta, dentro da cidade, até 80.000\$00.

Informa Drogaria da Praça — Barcelos.

Lote de terreno para construção

Vende-se um, em Barcelinhos, junto à Igreja Paroquial.

Informa Casa Rodrigues, em Barcelinhos.

Nicolau Vilas Boas de Barros Soldado Condutor Auto

Aziúmes dum homem de mau humor

(Continuação da pág. 1)

— Como concluiu, então, que era para fins comerciais?
A resposta veio:
— Talvez devido a ser uma casa alta.

Réplica do juiz:

— Isso são dados insuficientes para se concluir que era para comércio.

E continua:

— Se me dissesse que, pela disposição das divisões, parecia ter fim comercial, já seria outra coisa...

O guarda hesita:

— Bem, talvez fosse só para habitação mas com quartos para alugar.

Casos deste género, felizmente, são raros, mas mostram que há alguma coisa, que não está certa, dentro da interpretação das funções dos agentes da autoridade: falta de noção real do respeito pelos direitos do próximo, pelos direitos da pessoa humana, baseada numa interpretação presuntiva de factos, actos, gestos e conduta.

Há conceitos errados a perturbar a aplicação das medidas de autuação, o que só pode atribuir-se a errada noção das atribuições respectivas.

Se o agente que autou no primeiro caso não tivesse julgado que o vendedor transgredia a lei, e tivesse, previamente estudado esta lei com a suficiente atenção, pedindo esclarecimentos a seus superiores, competentes: se o agente que autou no segundo caso não tivesse concluído talvez por isto ou por aquilo, mas se tivesse informado, devidamente, com positiva e concreta certeza, de ciência segura, da finalidade da casa em construção, não teriam sido incomodados dois homens inocentes, que perderam tempo e dinheiro — e mais dinheiro perderiam — e iniquamente — se, em vez de irem responder, tivessem pago multas.

Há qualquer coisa que não está certa: é a falta de respeito aos direitos do público, por agentes de autoridade que estão a abusar do poder que lhes foi confiado.

Sem dúvida que o poder e a autoridade são o fundamento de todas as sociedades, mas quem não respeita a lei, seja público, seja agente da autoridade, passa a ser um delinquente, um infractor, um criminoso.

O exercício da autoridade e do poder não supõe, nem a falta de senso, nem a experiência, que dão capacidade, discernimento, conduta sensata, e esta não implica, não pode implicar o poder arbitrário, discricionário, exercido por funcionários de infima categoria, sem bastante cultura jurídica nem suficiente cultura geral e compreensão dos fenómenos e da relatividade das coisas.

A verdadeira função da autoridade, o verdadeiro exercício do poder não se desempenha como foi desempenhado nos casos referidos acima. Superiormente, devem dima-

nar instruções, directas, programas de acção, planeamentos, mesmo, mas tudo isso é normalmente justo — e só a interpretação aberrante a desvia da sua finalidade, a faz ultrapassar as suas fronteiras e limites.

O poder é um benefício — mas não para quem o exerce, sim para quem lhe está submetido. Porque gera a ordem, a tranquilidade, a segurança, a confiança.

Para quem o exerce é um serviço, um serviço sagrado e que deve ser cumprido com toda a lealdade, toda a correcção, todo o respeito pela lei e todo o respeito pelos direitos do próximo enquanto respeita a lei — o que só se verifica com provas concretas, inofensíveis, e não com presunções de talvez ou de julguei que, sintomas dum sentimento grave, de irresponsabilidade apoiado no uso do poder, do diploma de funções...

Li, um dia, que o poder neoniza.

Que quem exerce o poder tende a estendê-lo, abusivamente, para além da sua esfera de acção, para além do círculo em que pode obrar e, autoritária, tiranicamente, vai restringindo, progressivamente, as liberdades, direitos e garantias do próximo, transformando-se em pequenos Neros.

Ora, se somos um país de leis, é necessário que sejam limitados os poderes de todos os que, investidos numa parcela de autoridade minina que seja, mostrem que não sabem exercê-lo, que não o merecem, incomodando, injustificadamente, o público, por definição, respeitável — merecedor de respeito.

Falcão Machado

Sociedade Columbófila

Realiza-se hoje, na Pensão Arantes, o costumado jantar de confraternização da «Família Columbófila» de Barcelos, que servirá também para a distribuição dos prémios da campanha finda aos columbófilos desta agremiação desportiva, que mercê dos esforços dos seus dirigentes tem contribuído para manter em actividade um desporto pobre.

CONTINUAMOS A ACHAR EXAGERADO

(Continuação da pág. 1)

ria lógico, dizíamos, que o concessionário das Termas fizesse um desconto de 50% no preço do tratamento, e então a Câmara pagaria 15 mil escudos. Sim, porque outras Termas também fazem tratamentos de graça e de graça...

Não acontece assim em Barcelos, mas não levando em conta esse desconto, o tratamento desses pobres custaria 30 mil escudos, o mesmo como se fossem ricos e tivessem as mesmas regalias que eles, o que lamentavelmente não tinham.

O Barcelense Desportivo

A FESTA DE HOMENAGEM A CANÁRIO

Canário deve ter sentido bem, ao fim da tarde de quarta-feira passada, que valeu a pena. Valeu a pena toda a sua dedicação clubista, a sua entrega total ao futebol que tão bem serviu ao longo de 16 anos. O tempo ajudou muito à sua festa, que teve uma bela tarde de sol. O público acorreu em número elevado, não obstante a concorrência (e a tentação) do Guimarães-Sporting e do Porto-Hannover. Tudo se conjugou, assim, para que Canário tivesse a festa que sobejamente merecia, em que contou com o apoio da Direcção do Gil Vicente, com a boa vontade de muitos, e com a simpatia de todos.

A tarde desportiva teve início às 13,50 com um jogo entre a equipa de Juniores e a Velha Guarda. Embora não tivessem podido comparecer todos os elementos anteriormente anunciados (Nólito e Gelucho) a partida despertou interesse, viu-se com agrado. Por volta das 15,30, com as duas equipas alinhadas frente à bancada, Ribeiro Novo, prestigiosa figura do desporto local, fez o elogio do homenageado, traçando, numa síntese breve, incisiva, o perfil moral e técnico do homenageado, o seu amor à camisola, cada vez mais raro no nosso tempo. Procedeu-se depois à habitual entrega de prendas, oferecidas pela Associação de Futebol de Braga, pelo Gil Vicente, pelos seus colegas de equipa, juniores e veteranos, além de outras, particulares. Por sua vez, Canário distribuiu aos jogadores salgueiristas a lembrança típica local: os coloridos galos de Barcelos, acrescentados com o distintivo gilista.

Depois, Canário, acompanhado dos jogadores, e por entre os aplausos calorosos da assistência, abandonou o rectângulo, sendo substituído por Vieira. Nos escassos 15 minutos em que actuou Canário apesar de se ressentir da mazelha que o mantém afastado há meses do futebol de competição, patenteou claramente o «selo» de classe sempre evidente nos predestinados da bola: apurado sentido posicional, a percepção da jogada que permite estar sempre em jogo, a execução rápida (cerebral e técnica), a visão do melhor lance, o poder criador. Tudo isto exibiu Canário, deixando facilmente adivinhar o grande jogador que foi... e pode continuar a ser.

Após o jogo, realizou-se no Bar Gil Vicente um copo-de-água a que assistiram dirigentes do Gil Vicente e do Salgueiros, os atletas das quatro equipas, a equipa de arbitragem, jornalistas e convidados. O ligeiro repasto, que serviu de pretexto para se fortalecerem os laços de amizade que desde há muito caracterizam as relações entre gilistas e salgueiristas, justamente realçadas, em curto improviso, por Ribeiro Novo, proporcionou a todos os presentes uma hora de paternal e ameno convívio, um ambiente agradável, enfim, sempre presente quando os desportistas se reúnem.

Salgueiros, 6 — Gil Vicente, 3

Chuva de golos, em tarde seca

As equipas formaram:

Salgueiros — Américo; Madeira, Chau, Borges e Fernando; Gabriel e Mário; Elvino, Edgar, Cláudio e Castro.

Gil Vicente — Feliciano (Alfredo); Seródio, Canário (Vieira I), Ferraz e Lopes; Sousa e Vieira II; Silva, Machado, Mesquita e Raul.

Ao intervalo: 2-2. Marçaram, pelo Salgueiros, Edgar (4), Gabriel e Elvino; pelo Gil Vicente, Mesquita, Machado e Raul.

Ainda na véspera, poder-se-ia aguardar, para este jogo, uma tarde de chuva, mas nunca uma chuva de golos, que «aconteceu», ao fim e ao cabo, com a maior naturalidade deste mundo. Os três golos gilistas estavam no domínio das previsões de muitos

adeptos da equipa local, que pensavam na vitória, dada a tendência do Gil se agigantar e jogar bem em desafios particulares, quando enfrenta equipas teoricamente mais fortes; mas os 6 tentos «encaixados» pela defesa ninguém, certamente, os esperava, e menos ainda pelo modo como decorreu a primeira parte, na qual o equilíbrio foi notório: em golos, no domínio territorial (nos primeiros 10 minutos pertencendo ao Salgueiros, nos últimos 10 ao Gil Vicente), na qualidade de futebol praticado e nas oportunidades criadas e perdidas (2 para cada lado). Na história dos 6 tentos, Feliciano e Alfredo afirmaram bem a sua presença, este nos 3.º e 4.º, e aquele no 1.º.

Mas a partida não se confina apenas ao invulgar número de golos marcados, farta compensação para os resultados escassos, cada vez mais frequentes no futebol moderno, cada vez também mais científico, mais calculista; há certas partidas que são estudadas e jogadas como se tratasse de uma partida de xadrez de campeonato, em que tudo está previsto e a contra-táctica se responde de chofre com a anticontra-táctica e a esta com a anti-anticontra-táctica.

Este Gil Vicente-Salgueiros nada teve de semelhante com a «tacticite». As duas equipas integraram-se, naturalmente num sistema — que é obrigatório no futebol adulto e sem o qual surgem a indisciplina de jogo e a anarquia posicional — sistema que, para empregar a etiqueta numérica tanto em voga, oscilou entre o 4-2-4 e o 4-3-3.

O desafio foi amigável, mas proporcionou ao espectador agradável espectáculo, em que se lutou de princípio ao fim com toda a correcção e entusiasmo; os jogadores de ambas as equipas entregaram-se totalmente ao jogo pelo jogo, como se tratasse de partida a doer.

O Salgueiros, que venceu bem, pratica um futebol, sempre manifesto nas equipas que Reboredo dirige: um futebol intencional, fluido, estruturado, com a bola sempre a rasar o solo, a partir dos terrenos defensivos, e em que um jogador, à boa maneira argentina, quando de posse da bola, beneficia sempre do apoio de um companheiro. Dos jogadores, que formaram excelente conjunto, uma referência a Américo, um guardião todo elasticidade, a Chau, dominando bem a sua zona, a Cláudio, com o seu tecnicismo esmerado, e a Edgar, notável pela sua «fome» de baliza e de golos.

Enquanto o resultado se manteve no 2-2, até aos 17 minutos da 2.ª parte, o Gil não se inferiorizou, actuando embora num ritmo menos vivo que o adversário; mas quando o resultado passou, num ápice, para 2-4, alguns jogadores gilistas, deram a clara sensação de vítimas de violento knock-down, ficando atordoados: perdidos por 2 perdidos por 20, foi-se para o ataque, a cobertura da baliza desintegrou-se, o que os sal-

gueiristas aproveitaram da melhor maneira para lançarem rápidos contra-ataques, que renderam mais 2 golos. A 1 minuto do fim, Raul «adocçou» o resultado, com um belo golo nascido dum jogada-tipo já anteriormente tentada por três vezes.

As referências individuais estão feitas (aos guardas-redes); todos se esforçaram honestamente, frente a um adversário mais forte, melhor preparado, doutra latitude futebolística, disputando o Nacional da II Divisão e o Distrital de Reservas do Porto; no puro aspecto técnico, os gilistas não se inferiorizaram, não denotando vestígios do futebol rústico praticado pela maioria das equipas do Regional de Braga da I Divisão.

O trio de arbitragem local, formado por Rocha, Lourenço e Adventino, dirigiu os dois jogos, que não apresentaram dificuldades, em excelente nível; mas a Velha Guarda tem provada razão em lamentar a validação do 2.º golo dos juniores precedido de duplo e escandaloso fora-de-jogo...

J. J. ROD

Juniores, 2 Velha Guarda, 0

As equipas alinharam:

Juniores — Fernando, Pedras, Real, Lourenço e Neca; Litos I e Alves; Clarito, Dantas, José António e Magalhães.

Velha Guarda — Augusto; Jorge Brasileiro, Eduardo, Barrega (Barreto) e Matos (Pires); Emílio e Mota; Raul Belez, Carvalho, Arantes e Ernesto Belez.

Alves e José António marcaram os dois tentos da partida.

Este foi um jogo inédito — ou quase. O que é habitual ver-se, em festivais como o de quarta-feira, é que uma «Velha Guarda» defronte formação idêntica. Poderia aguardar-se, naturalmente, do embate entre a juventude ágil e veloz e a veteranaria pronunciada (havia nesta algumas «respeitáveis» barrigas...) um jogo desnivelado, nitidamente favorável aos jovens. Mas estes (a tarde era de festa) não «carregaram no acelerador», antes preferiram, ao futebol de competição a que estão acostumados, uma toada calma, de futebol pensado, com a preocupação dominante da boa execução técnica.

Assistiu-se assim a uma partida equilibrada... a meio campo, pois que, quando se tratava de avançar, a Velha Guarda acusava os efeitos do peso da idade... e do alongo. (O jogo foi muito cedó.) Tacticamente, os «antigos» mostraram-se actualizados, utilizando um 4-2-4 flexível mas pouco objectivo à frente, onde apenas dois «tiros» de Carvalho assinalaram o trabalho da linha avançada; os juniores, sem o saber, sem o quererem, com todo o instinto e a naturalidade próprios dos jovens, atacavam com 4, 5 e 6 elementos. E é o ataque a nota dominante desta equipa de juniores, que demonstrou, claramente e sem esforço (decerto, com a colaboração do adversário...) que não é por acaso que se encontra nos lugares cimeiros da sua série. Há, em todo o quinteto avançado, mão-chéias de intuição e talento futebolístico.

Referências individuais, além das já mencionadas, uma para Eduardo que não surpreende: como treinador, ele tem estado sempre em jogo, e outra para Augusto, de posse quase plena de todos os seus recursos, o segundo melhor, depois de Américo, dos 5 guarda-redes que actuaram no Campo Adelino Ribeiro Novo.

J. J. ROD

TOTOBOLA — 15 (17-12-65)

DE «O BARCELENSE»

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Leixões — Setúbal			2
2	Barreir. — Belen.			2
3	B. Mar — Acadé.			2
4	Sporting — Cuf			2
5	Lusitano — Porto			2
6	Guim. — Varzim	1		
7	Espinho — Lamas		X	
8	Sanjoan — Ovar	1		
9	Peniche — Leça			2
10	Penaf. — Covilhã	1		
11	Torrien. — C. Pied.	1		
12	Beja — Portim.			2
13	Sintr. — Atlético	1		

1 AUTOMÓVEL POR 5\$00!

Pode V. Ex.ª adquiri-lo se comprar UM BILHETE para o grandioso e tradicional SORTEIO DE «O LAR DO COMÉRCIO»

6 021 valiosos prémios

6 AUTOMÓVEIS — Motorizadas — Mobílias — Televisores, Rádios e Gravadores — Frigoríficos — Fogões — Máquinas de Lavar e de Costura e diversa aparelhagem electro-doméstica das mais reputadas marcas.

Os compradores de FOLHAS COMPLETAS DE 5 BILHETES têm direito a uma EXTRACÇÃO ESPECIAL, e se adquirirem VINTE BILHETES terão ainda direito a um CARTÃO NUMERADO que os habilitará a um outro Sorteio.

EXTRACÇÃO INADIÁVEL em 9 de Janeiro de 1966

BILHETES À VENDA NA SEDE DE «O LAR DO COMÉRCIO»
Praça da República, 99 PORTO

O Bolo Rei DA PASTELARIA ARANTES

Tem sido todos os anos considerado o melhor.